LINHA DE FUGA

RESIDÊNCIAS

CONTRA TEMPO



Mangue vermelho

Mayara Baptista

11 mai — 29 mai 2026

Vila Franca *Arazede*

Coimbra

Mangue Vermelho



Créditos

Criação | Dramaturgia | Design de luz e som Mayara Baptista
Apoios Linha de Fuga e Cena Lusófona

Contra|o|Tempo
Residência
em
Artista
Mayara Baptista

Sobre o projeto e a residência em Coimbra

Mangue Vermelho: entre a denúncia, a escuta e a descoberta de uma linguagem

Mangue Vermelho nasce de uma escuta. A origem do projeto está no som de uma árvore a ranger num parque e na pergunta que esse som desencadeou: e se aquele ranger fosse uma forma de comunicação? A partir dessa escuta, começaram a surgir textos, dramaturgia e uma primeira tentativa de compreender como essa matéria poderia ganhar corpo em cena. O projeto começou, assim, como uma escrita, mas foi-se transformando à medida que Mayara foi mudando. Entre a primeira escrita e as residências passaram-se vários anos, e esse intervalo tornou-se parte fundamental do processo. A vida, as experiências, as linguagens descobertas e os diferentes contextos de criação foram interferindo no trabalho, fazendo com que Mangue Vermelho deixasse de ser apenas um projeto teatral para se abrir a outras possibilidades.

Em Vila Franca e Coimbra

Mayara Baptista esteve em residência em Coimbra e Vila Franca entre 11 e 29 de Maio de 2026. A sua residência incluiu uma abertura do processo e uma conversa.

A passagem por Coimbra tornou visível essa transformação. O projeto já tinha passado pelo Laboratório Linha de Fuga em 2024, onde foi explorado enquanto instalação imersiva. Nessa primeira configuração, o público entrava no dispositivo e fazia parte dele. O mangue surgia como um ecossistema simultaneamente difícil de atravessar e profundamente rico, um espaço de biodiversidade, de vida e de resistência. A própria imagem do mangue permitia estabelecer uma relação com a experiência de ser uma pessoa negra: o mangue vermelho possui uma casca exterior acastanhada que, quando ferida, revela uma coloração vermelha, criando uma associação com a pele negra e com aquilo que se revela quando esta é ferida.

É nessa dimensão simbólica que Mangue Vermelho se transforma também numa forma de falar sobre racismo e violência sem necessariamente nomeá-los diretamente. Para Mayara, existe uma preocupação em não reduzir o trabalho à denúncia explícita. A questão racial está presente, mas interessa-lhe sobretudo encontrar uma forma artística e poética de a abordar. A fábula do mangue permite deslocar a questão para outro lugar: falar de um povo, de uma terra e de uma gente através de uma imagem capaz de conter diferentes camadas de significado.

O projeto também ganhou novas camadas, a voz, o som, os samplers, passaram a ocupar um lugar central. Mayara experimentou pela primeira vez a projeção e procurou aproximar o trabalho de referências ligadas ao vídeo e aos videojogos. Ao mesmo tempo, decidiu trabalhar com a escuridão. Em vez de revelar completamente o espaço e aquilo que nele acontece, interessa-lhe que cada pessoa veja apenas algumas coisas e, a partir do lugar que ocupa, pode ter experiências diferentes do mesmo acontecimento.

Esta escolha está diretamente relacionada com a própria ideia de mangue, um lugar onde nem tudo é imediatamente visível, mas onde tudo está presente. A escuridão passa, por isso, a ser uma ferramenta dramatúrgica e, ao reduzir a visão, outros sentidos tornam-se mais importantes: a escuta, o olfato, a percepção do espaço. O trabalho procura provocar o corpo do espectador e fazê-lo participar na construção da experiência.

Também a dimensão ritual ganha importância. Antes da performance, existe a oferta de uma bebida, entendida por Mayara como um ritual de acolhimento e de saudação às entidades que reverencia. Durante a performance, o público entra em contacto com diferentes vozes e com uma polifonia que continua a acompanhá-lo depois da saída. Para a artista, esse momento posterior é essencial, interessa-lhe que o trabalho não termine quando termina a apresentação, mas que continue através das perguntas e dos questionamentos que deixa no público.

A evolução do projeto em Coimbra não corresponde, portanto, a uma procura imediata de uma forma final, as residências são entendidas como espaços de experimentação. No Laboratório Linha de Fuga, o projeto aproximou-se da instalação, nesta nova residência explorou sobretudo o som, a voz, a luz, a projeção e a escuridão. A próxima etapa aponta para a dança e para o movimento.

São diferentes possibilidades que não precisam necessariamente de ser reunidas numa única síntese. O próprio projeto funciona como um espaço onde Mayara pode experimentar diferentes linguagens e descobrir aquilo que cada uma delas pode acrescentar. Por isso, quando procura definir o que é hoje Mangue Vermelho, Mayara fala de uma exploração e de uma descoberta da sua própria característica artística. O projeto continua a ser uma denúncia "de um povo, de uma terra e de uma gente", mas tornou-se também um território de descoberta de Mayara enquanto criadore.t.

Residência em Artista

Mayara Baptista

Mayara Baptista (e.t.) é artiste.t. ANTIdisciplinar que atua entre performance, voz e teatro. A sua pesquisa concentra-se na voz como território político, sensorial e ancestral, e nos manguezais como metáfora viva de resistência, memória e transformação. Mayara cria mundos performativos imersivos onde som, corpo e paisagem se entrelaçam, ativando escutas profundas e estados de presença.

O seu trabalho investiga a memória incorporada nos corpos diaspóricos, as marcas da infância e a política da voz, entendendo o ato de vocalizar como gesto de sobrevivência, insurgência e reencantamento. A partir de improvisação vocal, ressonância corporal e escuta ambiental, constrói espaços onde vulnerabilidade e resistência coexistem, tratando o corpo como arquivo vivo e a voz como força de deslocamento.

Entre as suas performances estão Vozes, apresentada no Open Out Festival (Tromsø, Noruega, 2025) e com apresentação em Berlim em novembro de 2025, e Onde Está a Criança Aqui Dentro?, criada durante residência no Festival Precárias III (Lisboa, 2025).

Nesta obra, a voz e o som convocam vocalizações primárias da infância, gritos, balbucios, cantigas e ruídos, acionando a infância como território de disputa, invenção e resistência.

Também criadore.t de Mangue Vermelho, obra desenvolvida em 2024 e estreada no Festival Linha de Fuga (Coimbra, Portugal), que articula corpo, terra e ancestralidade a partir da ecologia dos manguezais. O trabalho investiga o mangue como espaço de vida híbrida, fronteira instável e potência regenerativa, conectando transformações ecológicas, históricas e corporais. O processo segue em desenvolvimento em 2026.

Mayara Baptista trabalhou por seis anos no Teatro Oficina, integrando produções como Roda Viva, dirigida por Zé Celso, e dirigiu e atuou em obras como Pretobrás, e daí? e Coração Absurdo, em homenagem a Itamar Assumpção. Apresentou os seus trabalhos no Brasil e na Europa, em contextos como Open Out Festival (NO), Precárias III (PT) e Laboratório Linha de Fuga (PT), e atualmente desenvolve projetos entre Berlim, Lisboa e Brasil, colaborando com artistas e coletivos diversos.





Sobre a prática artística

Experimentação e procura de uma linguagem própria

A experimentação que caracteriza Mangue Vermelho corresponde também à forma como Mayara entende a sua própria prática artística. Uma das ideias que atravessa o seu processo é a chamada "regra dos três", que funciona como uma estratégia para lidar com a multiplicidade de possibilidades que surgem durante a criação. Perante uma ideia, estabelece três caminhos: um que não quer alterar, outro que pode ser transformado e um terceiro que permanece aberto. Desta forma, o três permite-lhe experimentar sem se dispersar e encontrar uma direção sem fechar demasiado cedo as possibilidades do trabalho.

A escrita é igualmente fundamental neste processo. Apesar da dificuldade que reconhece ter em escrever, começa os seus trabalhos pela escrita, mantendo consigo um caderno onde regista pensamentos, ideias e possibilidades. Desenvolve uma ideia, deixa-a repousar e regressa mais tarde ao texto para perceber o que permanece e para onde o trabalho pode avançar. Criar implica, assim, não só produzir, mas também saber interromper, afastar-se e voltar.

A sua prática está profundamente ligada ao teatro, sobretudo à experiência de seis anos no Teatro Oficina, que considera uma verdadeira escola. Essa formação marcou a sua relação com o espaço, o público e a cena, afastando-a da lógica convencional do palco italiano e aproximando-a de uma relação mais ampla, de 360 graus, com o espectador. Ao mesmo tempo, é precisamente essa influência que procura agora questionar, numa tentativa de perceber o que existe para além daquilo que aprendeu e de construir uma linguagem que seja verdadeiramente sua. Como afirma, trata-se de descobrir como colocar "Mayara" dentro das referências que traz consigo.

A experimentação que caracteriza Mangue Vermelho corresponde também à forma como Mayara entende a sua própria prática artística. Uma das ideias que atravessa o seu processo é a chamada "regra dos três", que funciona como uma estratégia para lidar com a multiplicidade de possibilidades que surgem durante a criação. Perante uma ideia, estabelece três caminhos: um que não quer alterar, outro que pode ser transformado e um terceiro que permanece aberto. Desta forma, o três permite-lhe experimentar sem se dispersar e encontrar uma direção sem fechar demasiado cedo as possibilidades do trabalho.

A escrita é igualmente fundamental neste processo. Apesar da dificuldade que reconhece ter em escrever, começa os seus trabalhos pela escrita, mantendo consigo um caderno onde regista pensamentos, ideias e possibilidades. Desenvolve uma ideia, deixa-a repousar e regressa mais tarde ao texto para perceber o que permanece e para onde o trabalho pode avançar. Criar implica, assim, não só produzir, mas também saber interromper, afastar-se e voltar.

A sua prática está profundamente ligada ao teatro, sobretudo à experiência de seis anos no Teatro Oficina, que considera uma verdadeira escola. Essa formação marcou a sua relação com o espaço, o público e a cena, afastando-a da lógica convencional do palco italiano e aproximando-a de uma relação mais ampla, de 360 graus, com o espectador. Ao mesmo tempo, é precisamente essa influência que procura agora questionar, numa tentativa de perceber o que existe para além daquilo que aprendeu e de construir uma linguagem que seja verdadeiramente sua. Como afirma, trata-se de descobrir como colocar "Mayara" dentro das referências que traz consigo.

Neste processo, o espaço assume uma função dramatúrgica. A disposição do público, a luz, o som, os objetos e a própria arquitetura fazem parte da construção do trabalho e interferem diretamente na experiência de quem o habita. A escuridão, por exemplo, não surge apenas como uma escolha estética, mas como uma forma de alterar o estado do corpo e ativar outros sentidos, quando a visão diminui, a escuta e o olfato tornam-se mais presentes. O espaço é, assim, pensado como uma matéria capaz de transformar a percepção.

Esta atenção ao corpo e ao espaço acompanha também a procura de outras linguagens. Embora reconheça o teatro como o seu ponto de partida, Mayara não quer ficar limitada a ele e encontra na música, nas artes plásticas e, mais recentemente, na dança, novos territórios de experimentação. A dança surge não de uma formação profissional, mas de um conhecimento corporal construído através das culturas em que cresceu, o funk, o hip-hop, o samba-rock, o candomblé e as culturas indígenas, e da vontade de descobrir como esse corpo pode também produzir pensamento artístico.

Entre as práticas que desenvolve está ainda o mapeamento do espaço. Antes de apresentar um trabalho, Mayara percorre o lugar, refaz os seus deslocamentos e experimenta silenciosamente cada ação, procurando conhecer os tempos, os obstáculos, as entradas, as saídas e as possibilidades do espaço.

Entre a escrita e o movimento, a luz e a escuridão, o som e o silêncio, a prática de Mayara constrói-se num processo contínuo de experimentação, tentando aproximar-se de uma linguagem artística própria.

Artísticas

Prática para Partilhar

Mapeando Dentro, Mapeando Fora

Assim que chego ao espaço de trabalho, inicio a prática sem falar o texto.

Percorro o espaço em silêncio, realizando o mesmo percurso que será feito durante a peça. Caminho, paro, mudo de direção, observo as distâncias e reconheço os pontos de passagem.

O objetivo não é ensaiar imediatamente a cena, mas mapear o deslocamento dentro do próprio corpo.

A cada repetição, procuro perceber como o espaço atravessa o corpo e como o corpo constrói uma relação com esse espaço. O percurso deixa de ser apenas uma sequência de movimentos e passa a funcionar como uma cartografia interna: distâncias, ritmos, pausas, impulsos, direções e estados de presença.

Antes de colocar o texto em circulação, memorizo o espaço através do corpo.

O texto entra posteriormente, quando o percurso já está inscrito corporalmente. Dessa maneira, a palavra não conduz o deslocamento; ela encontra um corpo que já está em movimento, já conhece o caminho e já estabeleceu uma relação física com o espaço.

Práticas

A prática cria uma passagem entre

espaço ↔ corpo ↔ deslocamento ↔ voz ↔ texto




Eu
quero
tudo
e
mais
essa
maçã

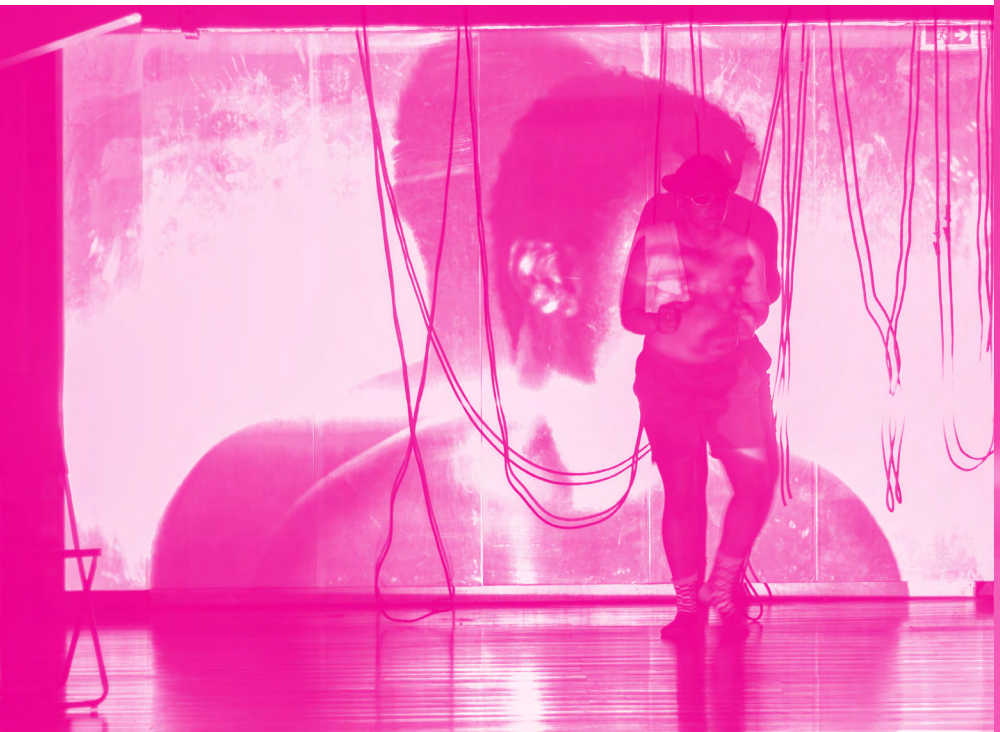


Referências

Bibliografia



Leda Maria martins Performances do tempo espiralar, poéticas do cor
Abdias do Nascimento O Genocídio do Negro Brasileiro
David kopenawa A queda do céu
Antônio bispo dos santos A terra dá, a terra quer
Conceição Evaristo Becos das Memórias
Contos/mitologias africanos de gambia sobre Ninki Nanka Ninki Nar
Sal de Nder





Conversa

O que me faz artista?

O que me faz Artista?

No dia 20 de maio, às 18h, na Sala J.P Sousa da Cena Lusófona, Mayara falou do seu percurso, das suas urgências e das questões que orientam a sua prática artística.



Mote para abrir a conversa

Mais uma Conversa "O que me faz artista?", desta vez com Mayara Baptista, artiste.t que participou no Laboratório de Linha de Fuga 2024. Desde o inicio da exploração de Mangue Vermelho, no Laboratório, à participação nas Residências Contra|o|Tempo, que contemplou uma apresentação informal do mesmo projeto, Mayara vai falar do que faz deste E.T, artista.

"O que me faz artista" é uma rúbrica de conversas desenvolvida pela Linha de Fuga, que propõe um espaço de encontro e escuta entre artistas e público. A partir de percursos singulares, estas conversas procuram humanizar os processos de criação, dando visibilidade às dúvidas, inquietações e motivações que acompanham quem cria.

Programa feito com o apoio do LIPA/TAGV

A sessão foi gravada e pode ser ouvida aqui

Crítico

Ensaio

Esse labirinto chamado Manguezal

**Mangue Vermelho é uma espécie de árvore típica do manguezal. Suas raízes são aéreas e formam-se em solos de lama. Possui grande importância ecológica, é lógico.*

I

Mangue Vermelho deixa ver as raízes de uma pesquisa estética antes de tudo pesquisa-vida.

Em Mangue Vermelho tudo é ritual e não o é. A cachaça 51 servida ao público ao pé das escadas podendo ser sorvida ou jogada ao chão [como quem dá de beber ao Santo]. A subida seca pelas escadas da antiga casa dos pobres e o portão de ferro cerrado. A entrada sem cerimónias em sala toda escura. O meio tronco completamente nu. Os olhos nus e acesos de palavras que lançam flechas com alvo definido, doa a quem doer.

II

O jogo cénico exala Zé Celso: uma bigorna de Lina Bo Bardi suspensa na porta de entrada. Não há saída. Só entrada. Não há soluções: tudo é som & sentido & provocação & escracho & tragédia grega desdita. Tudo é riso prazer e dor. Odor de Zé Celso pelo ar é fragrância rara: é preciso corpo tomado de desejo e cabeça tomada de tormento para encarnar um modo de ser artista assim, na contramão da estetização do mundo, da ausência de palavra, do grito com aparência de erudito.

Em Mangue Vermelho tudo é maldito.

III

A denúncia. A denúncia. Quem denuncia o quê? Para quem?

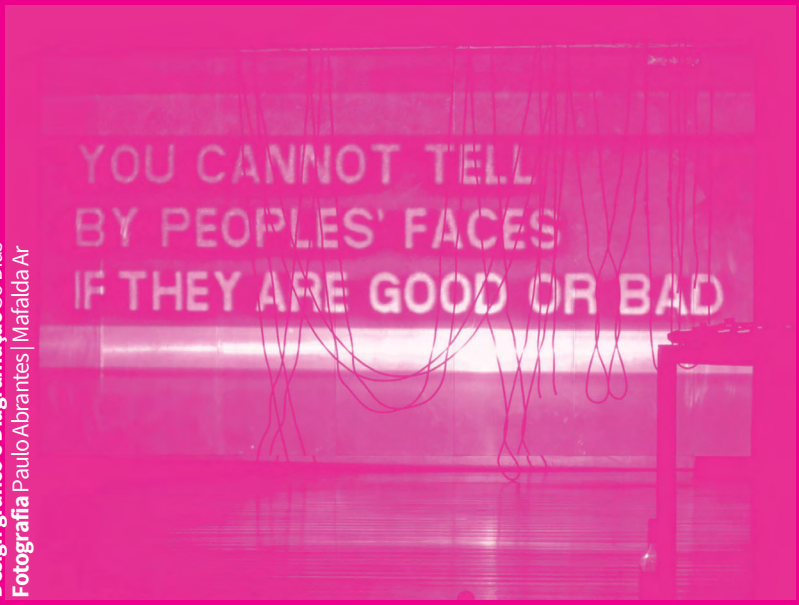
Eu, já agora, denuncio: Mangue Vermelho é lama & água e raízes torcidas, só bem vê quem não tem medo de se sujar.

IV

Vista sentada ao chão, posição indicada ao público, a performance Mangue Vermelho joga com a construção de verticalidades: um corpo em transe entre a fala, a musicalidade, o riso, a proximidade com o público, e a flecha. Mayara Baptista costuma dizer: "o público que me assiste também tem que trabalhar. Tem que sair pensando".

Mangue Vermelho faz pensar enquanto rimos, faz rir enquanto levamos flechas, faz anúncio da denúncia. É manifesto de um gesto-artistE.T interessadE.T na matéria primeira da obra de arte: esse labirinto chamado vida ou chamado manguezal*.

www.linhadefuga.pt



Entrevista Catarina Saraiva
Edição de Textos Marta Rodrigues
Ensaio Crítico Keissy Carvelli
Design gráfico e Diagramação So Dias
Fotografia Paulo Abrantes | Mafalda Ar

Iniciativa
LINHA DE FUGA

Estrutura financiada por
REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO
dg'ARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

Co-produção
Residências Contra|o|Tempo
Teatrão

Parceiros
A ESCOLA DA NOITE

Apoios
TAGV
INATEL FUNDAÇÃO
cena lusófona
1290 UNIVERSIDADE D COIMBRA

Media partner
RUC